

Notas sobre o ecotomismo – I/III

Paulo S. Terra - Universidade Estadual de Santa Cruz.

Abstract: The creation theology and the theory of the cardinal virtues of Thomas Aquinas can provide a solid foundation for an environmental philosophy (ecothomism). The earliest Thomistic texts on environmentalism were written in 1994-5. There are different versions of environmental thomism. The aim of the articles is to describe the foundation and main assumptions of Thomistic environmental theories. Ecothomist authors studied in this text (I/III): Jame Schaefer (1994) and Pamela A. Smith (1995).

Keywords: Thomas Aquinas, ecothomism, environmental philosophy, environmental ethics, environmentalism, contemporary ecological crisis.

Resumo: A teologia da criação e a teoria das virtudes cardinais de Tomás de Aquino podem fornecer base sólida para uma filosofia ambiental (ecotomismo). Os primeiros textos tomistas sobre ambientalismo foram escritos em 1994-5. Existem diferentes versões do tomismo ambiental. O objetivo dos artigos é descrever o embasamento e os principais pressupostos das teorias ambientais tomistas. Autores ecotomistas estudados neste texto (I/III): Jame Schaefer (1994) e Pamela A. Smith (1995).

Palavras-chave: Tomás de Aquino, ecotomismo, filosofia ambiental, ética ambiental, ambientalismo, crise ecológica contemporânea.

A palavra *ecotomismo* foi usada pela primeira vez, em 1995, pela irmã Pamella Smith na sua tese de doutorado que tratou do pensamento de Tomás de Aquino e da ética ambiental; o termo aparece já no subtítulo da obra: “Tomás de Aquino e a atual ética ambiental: Investigação de como a visão e a ética das virtudes do ‘ecotomismo’ pode compor uma ecoética viável.”¹

Entende-se por ecotomismo o conjunto de ideias concernentes ao meio ambiente que se embasam na teologia da criação e na teoria das virtudes de Tomás de Aquino².

Não foi a irmã Pamela Smith quem pela primeira vez buscou organizar as ideias de Tomás de Aquino segundo os temas gerais do pensamento ambientalista que floresceu na segunda metade do século XX. Cerca de seis

¹ Smith, Pamela A., SS. C. M. *Aquinas and today's environmental ethics: An exploration of how the vision and the virtue ethic of "ecothomism" might inform a viable eco-ethic*. Ph.D. Dissertation, Duquesne University [E.E.U.U.: Pittsburgh, Pensilvânia]. 1995.

² Depreende-se essa definição do que está na p. 25 da supramencionada tese da irmã Pamela Smith.

meses antes também o fez Jame Schaefer, igualmente na forma de tese de doutorado³.

Tanto Schaefer quanto Smith certamente perceberam que as multiformes teorias sobre a ação humana no meio ambiente, que proliferaram sobretudo a partir de meados da década de 1960, tratavam de assuntos que muito bem podiam sustentar-se em bases diferentes, porém equivalentes, quer nas teorias cosmológicas e ontológicas de Tomás de Aquino, quer na ética do Aquinate. Passados quase oito séculos, podia-se aplicar quanto a esse assuntos também, *mutadis mutandis*, o que pensou Tomás, não obstante as muitas mudanças de toda ordem decorridas nesse lapso de tempo.

Nos anos que se seguiram às teses de Schaefer e de Smith, algumas outras vezes, e geralmente sem relação direta com os textos dessas duas autoras, vários pensadores recorreram ao Aquinate para examinar questões ambientalistas. Este presente estudo busca passar em rápida revista toda essa literatura, que já apresenta volume considerável, em busca do eixo comum de pensamento que lhe dá unidade e possibilita agregá-la sob a denominação de ecotomismo, bem como procura discernir as diversas linhas teóricas que estão se configurando nessa filosofia ambiental. Os texto coligidos serão nesta série de artigos apresentados em sequência cronológica e a exposição das ideias dos autores ecotomistas far-se-á principalmente por meio de transcrições de trechos das obras consideradas. Os comentários buscam realçar as particularidades de cada obra e investigar as relações das ideias expostas com as demais ideias ecotomistas e com as muitas teorias que compõem o amplo espectro de filosofias coetâneas que tratam das questões ambientais.

Alguns antecedentes importantes ao surgimento do ecotomismo

Antes do exame da literatura coligida que trata da questão ambiental contemporânea analisada sob a óptica da teologia da criação e da teoria das virtudes de Tomás de Aquino, convém apontar alguns acontecimentos que parecem ter contribuído de algum modo para fazer emergir o pensamento ecotomista⁴.

Há que considerar inicialmente a grande relevância que as questões ambientais adquiriram sobretudo depois que o assunto se tornou de interesse

³ Schaefer, Jame Ehegartner. *Ethical implications of Applying Aquinas' Notions of the Unity and Diversity of Creation to Human Functioning in Ecosystems*. Ph.D. Dissertation, Marquette University [EEUU: Milwaukee, Wisconsin]. 1994.

⁴ Guiou-se o autor quanto às questões históricas principalmente pelo livro de Pascal Acot, *Histoire de l'ecologie* (1988) [*História da Ecologia*. Tradução: Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Campus. 1990] e também pela maciça e muito útil obra organizada por J. Baird Callicott & Robert Frodeman, *Encyclopedia of Environmental Ethics and Philosophy* (vol. 1 - Abbey to Israel; vol. 2 - Jackson to Wright; Appendices; Index.). Detroit, MI: Macmillan. 2008. Recorrer-se-á algumas vezes no presente estudo histórico à enciclopédia de Callicott e Frodeman para melhor enquadrar os temas discutidos pelos teóricos ecotomistas.

geral, o que ocorreu principalmente após a publicação do livro *Silent Spring* [*Primavera Silenciosa*], de autoria de Rachel Carson, em 1962, que tratou do problema dos inseticidas sintéticos. Ajudaram também a trazer os problemas ambientais a amplo debate as conferências patrocinadas pela Organização das Nações Unidas, sobretudo a realizada em 1992 no Rio de Janeiro⁵. Já a essa altura, de havia algum tempo, a comunidade científica tinha na biologia área específica, com teorias amadurecidas, a ecologia, capaz não somente de explicar o funcionamento dos sistemas ecológicos naturais, como de oferecer parâmetros de avaliação das ações humanas no ambiente⁶.

No campo das ideias ambientalistas, um marco importante é o artigo do historiador Lynn White Jr. que trata das raízes históricas da crise ambiental, publicado em 1967, no muito influente periódico *Science*⁷. White imputou diretamente ao cristianismo a causa da crise ambiental e concluiu assim o famoso artigo mencionado:

“[O crescimento dos problemas ecológicos] pode ser historicamente entendido somente se considerado que certas atitudes relativas à natureza estão profundamente assentadas no dogma cristão. O fato de muitas pessoas não pensarem nessas atitudes como sendo cristãs é irrelevante. Nenhum conjunto de valores básicos será aceito em nossa sociedade sem o deslocamento [to displace] de sua cristandade. Agravar-se-á a crise ecológica até que se rejeite [reject] o axioma cristão de que a natureza não tem razão de ser senão enquanto serve ao homem.”⁸

⁵ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento [Cúpula da Terra]. Antecedeu-lhe a Conferência Intergovernamental de Peritos sobre as Bases Científicas da Utilização Racional e da Conservação dos Recursos da Biosfera (Paris, 1968) e a Conferência das Nações Unidas sobre o Homem e o Meio Ambiente (Estocolmo, 1972). Leia-se sobre esse assunto: Holmes Rolston III, EARTH SUMMIT, in Callicott & Frodeman, *Encyclopedia EEPh.*, Vol. 1, p. 223a – 225a; e também Bob Jickling, UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME, in Callicott & Frodeman, *Encyclopedia EEPh.*, Vol. 1, p. 342a – 344a.

⁶ O grande monumento literário que marca isso é o manual de ecologia de Eugene P. Odum, *Fundamentals of Ecology*, publicado em 1953 (Acot, *História da Ecologia*, p. 89 – 91).

⁷ White, Lynn, Jr. The Historical Roots of Our Ecologic Crisis. *Science*, vol. 155 (3767): 1203-1207. [10 March] 1967. [DOI: 10.1126/science.155.3767.1203].

⁸ White, *The Historical Roots*, p. 1207. Não é aqui o lugar de discutir esse artigo. Há que dizer, contudo, que White assenta suas críticas ao cristianismo considerando apenas o que está em Gênesis 1, 26-27 do qual se deduz que se deu ao homem poder sobre todas as criaturas e o homem não é um simples componente da natureza posto que foi feito à imagem de Deus. White encerra o artigo, não obstante suas críticas ao cristianismo, com a surpreendente proposição de Francisco de Assis para santo padroeiro da ecologia. (O papa João Paulo II proclamou Francisco de Assis como Patrono da Ecologia - “Patrono celestial dos cultores da ecologia” -, em 29 de novembro de 1979.) Sobre as ideias desse importante autor, dizem J. Baird Callicott e Robert Frodeman (AFTERWORD: GENERAL TYPES OF ETHICAL THEORY, in Callicott & Frodeman, *Encyclopedia EEPh.*, Vol. 1, p. XXVII – XXVIII): “Lynn White, em ‘The Historical Roots of Our Ecologic Crisis’, culpou o

Certamente o apelo à descristianização da cultura ocidental bradado por White estimulou Schaefer e Smith a contestarem o historiador com a aplicação do pensamento de Tomás às questões ambientalista, com o que se refuta a sua falsa argumentação. Ficou claro com o referido artigo de White, contudo, que nele se expressa ideia fortemente assentada na mentalidade contemporânea, pelo que se observa que muitas teorias ambientalistas se baseiam em forte

cristianismo pela crise ambiental. Ele afirmou que a civilização ocidental baseou-se na idéia de que a humanidade foi criada à imagem de Deus, que lhe foi dado o domínio sobre a criação e que lhe foi ordenado submetê-la. A influência desta visão de mundo ao longo de dois mil anos culminou na civilização tecnológica moderna, que, juntamente com muitas coisas maravilhosas, também provocou nossa atual crise ambiental. / Esta análise histórica provocou os que têm fortes compromissos cristãos e preocupações ambientais igualmente fortes a desenvolver uma interpretação alternativa dos textos bíblicos, os dois primeiros capítulos do Gênesis, que foram a base das alegações de White. O resultado foi uma ética ambiental judaico-cristã de gerenciamento [Judeo-Christian environmental ethic of stewardship].” Robin Attfield (WHITE, LYNN, JR., in *Callicott & Frodeman, Encyclopedia EEPb*, Vol. 2, p. 402a) diz que: “o principal significado histórico do provocante texto de White não consistiu em seus argumentos, mas no desafio que apresentou aos teólogos e filósofos de todo o mundo para reavaliar suas atitudes em relação ao meio ambiente e os laços de seu pensamento com a religião e a cultura.”

sentimento anticristão que, em muitos caso, parece estar mesmo nos seus principais elementos motivadores⁹.

Jame Schaefer e a aplicação da teologia da criação de Tomás de Aquino na gestão dos ecossistemas

Jame Schaefer interessou-se muito especialmente, conforme declara, pelas questões ambientalistas relacionadas com os Grande Lagos norte-americanos¹⁰. Desse interesse prático partiu a autora em busca de modo de aplicar a teoria da criação de Tomás de Aquino e também a ética do Aquinate no enfrentamento geral das questões ambientalistas. Tal plano de estudo realizou-se na forma de tese de doutorado, apresentada em 1994, denominada

⁹ Disso se tira uma explicação do por que se ter ido a Tomás um tanto tardiamente no tocante às questões ambientais. Há, contudo, que considerar toda a história das relações entre as teorias filosóficas e os problemas ambientais. Ainda que se possa encontrar em toda a literatura filosófica ideias relativas ao que hodiernamente se denomina de questões ambientais, é efetivamente apenas a partir da década de 1960 que se configura o que é chamado de filosofia ambiental [environmental philosophy]. Assim estão redigidos os seis verbetes da *Encyclopedia of Environmental Ethics and Philosophy* organizada por J. Baird Callicott e Robert Frodeman que tratam da filosofia ambiental. Depreende-se, pois, que a filosofia ambiental pode ser vista como dividida em seis fase, caracterizadas pelas grandes teorias filosóficas gerais que nela exerceram influência: 1. Antiga; 2. Medieval; 3. Moderna; 4. Moderna do século XIX; 5. Contemporânea e 6. Pós-moderna. Diz Andrew Brennan (ENVIRONMENTAL PHILOSOPHY: V. CONTEMPORARY PHILOSOPHY, in Callicott & Frodeman, *Encyclopedia EEP*, Vol. 1, p. 372b) que “a filosofia ambiental em sua forma moderna, desenvolvida no final da década de 1960, é o produto de preocupações emergentes de diversos setores: naturalistas, cientistas e outros acadêmicos, jornalistas e políticos” Os autores que apontaram os problemas ambientais emergentes, segundo Brennan (*loc.cit.*) foram: Rachel Carson, Garrett Hardin, Paul Ehrlich, Murray Bookchin, Lynn White Jr. e Aldo Leopold. A rigor, pois, a filosofia ambiental surgiu apenas recentemente e a filosofia ambiental tomista, o ecotomismo, se não é uma das primeiras filosofias ambientais elaboradas é da mesma época delas e é, de um certo modo, uma reação às teorias pioneiras desse gênero filosófico. Os primeiros filósofos ambientais construíram suas teorias a partir da ideia de que a tradição filosófica em nada podia contribuir para o exame dos problemas ecológico. Parece predominar nesses pensadores a ideia de que suas teorias são as primeiras que se elaboram para tratar dos assuntos ambientais. Talvez se possa dizer que eles apenas têm a sensação de que assim é; parece que muitas dessas ideias são de fato tomadas de vários sistemas religiosos e filosóficos, ainda que de modo não consciente, reorganizadas e expostas em linguajar apropriado. Parece mesmo cada vez mais comum a ida sistemática a sistemas filosóficos antigos com o propósito de construir versões ambientalistas dessas filosofias, como se está fazendo com o tomismo.

¹⁰ Schaefer, *Ethical implications*, p. 19 – 27; 297.

“Implicações éticas da noção de unidade e de diversidade da criação de Tomás de Aquino na ação humana nos ecossistemas”¹¹.

Diz Schaefer que o principal objetivo de sua tese “é discernir as implicações para a ética quando às noções de Santo Tomás sobre a unidade e a diversidade da criação são aplicadas à atuação humana nos ecossistemas do planeta.”¹²

A tese abre-se com a afirmação de que o mundo está em perigo¹³. Encontram-se, segundo Schaefer, nos ensinamentos de Tomás de Aquino, elementos para a solução dessa grave situação; diz a autora quanto a isso:

“Em sua [de Tomás] noção de unidade e de diversidade da criação, pode-se encontrar uma compreensão da interrelação dos seres humanos e de outros seres por causa de sua relação mútua com Deus, que poderia permitir aos fiéis pensar e agir de forma compatível com a integridade do planeta, em vez de destruí-lo. /

¹¹ - *Ethical implications of Applying Aquinas' Notions of the Unity and Diversity of Creation to Human Functioning in Ecosystems*. A referência completa da obra já foi apresentada no início deste artigo. Dada à complexidade da trama de ideias desenvolvida por Schaefer, limitar-se-á neste artigo a apresentar apenas as linhas gerais do pensamento da autora, com ênfase em suas conclusões. Não há resumo (“abstract”) no texto original.

¹² Schaefer, *Ethical implications*, p. 15. Cabe aqui tratar da questão da *ética ambiental*. Schaefer não usa essa expressão, que no âmbito da literatura ecotomista aparecerá apenas a partir do texto de Pamela Smith. A expressão, contudo, impõe-se pela importância que tem relativamente aos assuntos considerados neste estudo histórico sobre o ecotomismo. A ética ambiental deve ser considerada sob dois aspectos, a respeito dos quais diz Michael Nelson (THEORY, in *Callicott & Frodeman, Encyclopedia EEPh.*, Vol. 2, p. 315a) o seguinte: “A ética ambiental é muitas vezes considerada como um dos vários tipos de ‘ética aplicada’, como ética biomédica, a ética da engenharia e a ética empresarial. Os eticistas aplicados contam com variações das teorias éticas européias e norte-americanas predominantes, o utilitarismo e a deontologia kantiana, para as novas questões éticas que os autores do século XVIII e XIX nunca poderiam ter imaginado ou antecipado. Consequentemente, alguns filósofos consideram a filosofia ambiental como o trabalho que toma a teoria ética tradicional e examina as preocupações ambientais através da lente dessas teorias. Esses filósofos podem, portanto, estar preocupados com o que as teorias éticas européias e norte-americanas predominantes do utilitarismo ou da deontologia podem dizer sobre a correção ou a inadequação da agricultura industrial ou da caça desportiva. / Outros filósofos ambientais, no entanto, veem o trabalho da filosofia e da ética ambiental como algo que está além da mera ética aplicada - como trabalho que explora novas idéias sobre ética e até metafísica e que, embora práticas em sua aplicação, também são novas teorias. Esses filósofos podem apontar para teorias éticas não-antropocêntricas criadas por filósofos ambientais ou trabalhar em política e filosofia ou nas relações entre as várias ciências (por exemplo, ecologia, geografia, geologia e biologia) e a filosofia como exemplos de uma teoria ética ambiental específica.” Dois textos importantes que estão na origem dessas visões de ética ambiental seriam: Rolston III, Holmes. *Ethics* 85(2): 93-109. 1975. Routley, Richard. Is There a Need for a New, an Environmental Ethic? *Proceedings, Twelfth World Congress of Philosophy*, 1: 205 - 210. 1973.

¹³ Schaefer, *Ethical implications*, p. 1: “Our planet is imperiled.”

Os ensinamentos de Santo Tomás sobre a unidade e a diversidade da criação são hoje particularmente intrigantes por suas afinidades com a forma como os ecólogos entendem o conjunto [make up] e o funcionamento de um ecossistema - a terra, a água, o ambiente aéreo e os vários organismos [biota] que interagem para constituir um todo dinâmico - quando o ser humano é considerado parte integrante do ecossistema.”¹⁴

A densa trama de ideias composta por Schaefer para demonstrar o que ensina o Aquinate sobre as questões ambientais depende fundamentalmente da coleta de material na *Suma Teológica* e na *Suma Contra os Gentios*¹⁵. Parte Schaefer da ideia de que

“as noções de Santo Tomás sobre a unidade de todas as coisas em relação a Deus nos permitem entender que todas as coisas que constituem um ecossistema foram criadas voluntária e amorosamente por Deus do nada para comunicar a bondade. A terra, o ar, a água e a vida biológica diversa da bacia dos Grandes Lagos¹⁶ são destinados, criados e amados por Deus. Todos os componentes do ecossistema são bons, tendo derivado sua bondade de Deus, enquanto todo o ecossistema em funcionamento é muito bom¹⁷.”

Fornecem base importante para as considerações de Schaefer dois trechos das *Sumas* transcritos pela autora, que são os seguintes:

“Deve-se admitir que a multidão e a distinção das coisas vêm da intenção do agente primeiro, Deus. Pois trouxe as coisas ao ser, para comunicar a sua bondade às criaturas, que a representam. E, como não pode ser representada suficientemente por uma só criatura, produziu muitas e diversas; e assim o que falta a uma, para representar a divina bondade, é suprido por outra. Pois a bondade, existente em Deus pura e simplesmente, bem como

¹⁴ Schaefer, *Ethical implications*, p. 2.

¹⁵ Inúmeras são as indicações que Schaefer faz ao longo da tese dessas duas obras de Tomás de Aquino. São elas, aliás, as fontes principais de ideias para todos os demais ecotomistas. Recorreu-se para as transcrições que se seguirão neste artigo às edições seguintes: *Suma Teológica* - traduzida por Alexandre Corrêa, publicada em onze volumes, em edição bilíngue, latim e português, pela Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Universidade de Caxias do Sul e Livraria Sulina Editora, segunda edição, 1980-1981. *Suma Contra os Gentios* - traduzida por Dom Odilão Moura, O.S.B., e Dom Ludgero Jaspers, O.S.B., publicada em dois volumes, em edição bilíngue, latim e português; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (EDIPUCRS) e Edições EST; Caxias do Sul: Sulina e Universidade de Caxias do Sul. 1990/1996.

¹⁶ Schaefer ao longo da tese procura sempre localizar as discussões no caso concreto da degradação ambiental dos Grandes Lagos da América do Norte (Great Lakes of North America). Obviamente, o que diz a autora pode ser generalizado para qualquer ambiente.

¹⁷ Schaefer, *Ethical implications*, p. 94.

uniformemente, existe nas criaturas múltipla e divididamente. Por onde, com mais perfeição participa da divina bondade e representa todo o universo do que outra criatura qualquer.”¹⁸

E também:

“A bondade da espécie excede a bondade do indivíduo, como o que é formal excede o que é material. Por isso, a pluralidade das espécies acrescenta mais à bondade do universo do que a bondade dos indivíduos, em uma só espécie. Pertence, pois, à perfeição do universo haver não só muitos indivíduos, como também muitas espécies e, por conseguinte, diversos graus das coisas.”¹⁹

Para Schaefer, está na ideia de unidade da criação e na de diversidade da criação, ambas presentes fortemente nas *Sumas* de Tomás de Aquino, a base da visão ambientalista do Aquinate. Assim, depreende a autora dos ensinamentos de Tomás que “nenhum componente ou espécie da biota pode ser eliminado sem comprometer a bondade de todo o ecossistema. Nenhum componente é completo e perfeito isoladamente do todo.”²⁰ Isso porque “cada espécie ou componente inanimado do ecossistema representa a bondade de Deus de alguma maneira. Cada qual enche um nicho vital no ecossistema ao ser o que Deus pretendia ao criar sua espécie ou tipo de componente. Cada ser fornece algo diferente para contribuir para uma representação tão perfeita quanto possível do ecossistema tal como concebido por Deus.”²¹

Em assim sendo, há que considerar, acrescenta Schaefer, que

“a bondade dos componentes do ecossistema fornece uma base para valorizá-los. Eles são valiosos como coisas boas criadas, sustentadas e destinadas por Deus. (...) O ser humano é mais valioso do que qualquer outra parte do ecossistema, porque é através do ser humano que todas as outras partes acham seu fim último em Deus. No entanto, nem o ser humano, nem qualquer outra parte do ecossistema é mais valioso do que todo o ecossistema. A inteireza [entirety] do ecossistema é mais valiosa.”²²

¹⁸ STh I, q47, a1, sol. Trecho transcrito em Schaefer, *Ethical implications*, p. 101.

¹⁹ SCG II, 45, 5; 1224. Trecho transcrito em Schaefer, *Ethical implications*, p. 111. Ideia semelhante lê-se, como aponta Schaefer, *loc.cit.*, em SCG II, 93, 4; 1799.

²⁰ Schaefer, *Ethical implications*, p. 133.

²¹ Schaefer, *Ethical implications*, p. 132-3. Mais adiante dirá Schaefer, p. 166: “Santo Tomás descreve a atividade ordenada de coisas que lhe dá unidade como uma maravilhosa conexão de coisas (*mirabilis rerum connexio*) (SSG 2.68.6) [SCG II, 68, 4; 1453].”

²² Schaefer, *Ethical implications*, p. 135. Aqui Schaefer traz à discussão a questão do *valor intrínseco* dos seres naturais. Trata-se de questão basilar da filosofia ambiental e da ética ambiental. No trecho do artigo de Lynn White Jr. transcrito no início deste artigo, afirma o historiador, ao dizer que, segundo o que ele denomina de “axioma cristão”, “a natureza não tem razão de ser senão enquanto serve ao homem” (White, *The Historical Roots*, p. 1207), que esse modo de ver o mundo, por ele duramente criticado, não reconhece a existência de valor próprio, intrínseco, aos seres naturais e, por isso, dá a eles apenas valor de

instrumento para o homem, único ser natural que possui valor intrínseco. Explica Michael P. Nelson (THEORY, in *Callicott & Frodeman, Encyclopedia EEPH.*, Vol. 1, p. 213b) que “como muitas disciplinas, a ética ambiental tem seu próprio vocabulário. Dois termos fundamentais da ética ambiental são valor instrumental e valor intrínseco. Algo é dito ter valor instrumental se for um meio para algum outro fim (por exemplo, uma criança pode ter valor instrumental se ela puder cortar o gramado). Diz-se que algo tem valor intrínseco quando possui valor que transcende seu valor instrumental (por exemplo, uma criança, mesmo que ela não queira ou não possa cortar o gramado). As opiniões dos eticistas ambientais diferem muito acentuadamente em sua atribuição de valor instrumental ou intrínseco relativamente às várias coisas não-humanas do mundo. Essas diferenças produzem profundas dessemelhanças quanto ao como e em que medida se vê, e também como se sente, o que devemos fazer para resolver os problemas ambientais.” À noção de valor instrumental relacionam-se três outros conceitos importantes em ética ambiental, o *antropocentrismo* e duas visões antagônicas a ele, o *biocentrismo* e o *ecocentrismo*. Michael P. Nelson (THEORY, in *Callicott & Frodeman, Encyclopedia EEPH.*, Vol. 2, p. 314a) define antropocentrismo como “a posição de que todos os seres humanos - e somente os seres humanos - possuem valor intrínseco e posição moral direta. Nesta visão, os seres não-humanos têm apenas valor instrumental na medida em que o bem-estar humano pode, de certa forma, depender deles. Para o antropocentrista, a ética e as políticas ambientais são motivadas e justificadas unicamente com base no seu efeito sobre os seres humanos, sem levar em conta o mundo não-humano. Um antropocentrista, por exemplo, estaria preocupado com mudanças climáticas globais rápidas somente na medida em que isso afeta o bem-estar dos seres humanos.” O ecotomismo seria, então, segundo essa conceituação, considerado uma teoria antropocêntrica. Para Ben A. Minteer (ANTHROPOCENTRISM, in *Callicott & Frodeman, Encyclopedia EEPH.*, Vol. 1, p. 58b) “a crítica dos pressupostos antropocêntricos e dos seus julgamentos morais e sua superação por princípios não-antropocêntricos (ou seja, biocêntricos ou ecocêntricos) têm impulsionado uma grande teorização da ética ambiental desde a fundação acadêmica do campo na década de 1970.” Diz ainda esse autor que as “influências mais significativas no surgimento da agenda antiantropocêntrica na ética ambiental tem sido o ensaio de 1967 ‘The Historical Roots of Our Ecologic Crisis’ do historiador Lynn White, Jr., na revista *Science*. O artigo de White mostrou-se controverso principalmente devido à sua dura avaliação da ética ambiental inserida na tradição judaico-cristã. De acordo com White, o relato da criação nos Gênesis colocou os seres humanos em uma posição ontológica superior: o homem foi criado separadamente do resto da Criação, e ele sozinho recebeu o ‘domínio’ sobre as criaturas da terra e se lhe ordenou ‘subjugar’ a elas e à terra. [Assim], o cristianismo é ‘a religião mais antropocêntrica que o mundo já viu’ (White 1967, p. 1205) [e ele é], em última instância, responsável pela superpopulação, pela perda de espécies, pela poluição do ar e da água e por outros males ambientais.” (Minteer, *op.cit.*, p. 59a). Já o biocentrismo é, segundo Robin Attfield (BIOCENTRISM, in *Callicott & Frodeman, Encyclopedia EEPH.*, Vol. 1, p. 97b) “uma perspectiva centrada na vida que rejeita a visão de que apenas a humanidade importa em ética e aceita que todas as criaturas vivas têm posição moral.” Explica Michael P. Nelson (THEORY, in *Callicott & Frodeman, Encyclopedia EEPH.*, Vol. 2, p. 314ab) que “o biocentrismo atribui valor intrínseco e posição moral direta a todos os seres vivos individuais. É preciso ‘estar vivo’ como a chave para a inclusão moral. As coisas não vivas (por exemplo, lagos ou rochas) e os coletivos (por exemplo, espécies e ecossistemas) possuem apenas valor instrumental ou nenhum valor.” Por sua vez, o ecocentrismo, de

Considerando a presença e atuação dos seres humanos no ambiente, diz Schaefer:

“De todas as várias formas de vida biológica no ecossistema, os seres humanos receberam de Deus as habilidades mais avançadas para agir. Os seres humanos sozinhos controlam suas ações sobre os outros seres animados e inanimados e agem de forma consciente e intencional. Somente os seres humanos são capazes de saber como Deus ordenou as coisas umas para as outras para constituir uma unidade. Porque os seres humanos têm essas habilidades superiores, têm eles a intenção de cooperar com Deus na execução do plano de Deus para o ecossistema. O ser humano é, essencialmente, *homo Dei cooperador*.”²³

Empenha-se então Schaefer em apontar como, segundo o que ensina Tomás de Aquino, é possível à espécie humana viver virtuosamente considerando os ecossistemas:

“Na *Suma contra os gentios*, Santo Tomás argumenta que o ser humano é destinado por Deus a observar a ordem da razão ao usar todas as coisas (*ordinem rationis servet in omnibus quae in eius usus venire possunt*) (SCG 3.128.1)²⁴. O poder intelectual da razão torna o ser humano único entre as criaturas corporais e os seres humanos são destinados por Deus a usar as coisas de acordo com sua natureza racional. Se os seres humanos não atuam de forma racional, a dignidade humana (*dignitate humana*) é perdida e a pessoa cai do estatuto de ser livre para o de ser escravizado na servidão bestial (*servitutem bestiarum*) (ST 2/2.64.2ad3)²⁵. Neste estado decaído [denigrated], a pessoa se torna útil para os outros (*utile aliis*), em vez de usuário racional das coisas (ST 2/2.64.2ad3; cf. SCG 3.128.1)²⁶. / A atividade irracional é simplesmente inapropriada para os seres humanos, insiste Santo Tomás (SCG 3.39.1)²⁷. O ser humano não foi criado por Deus para se mover como animais irracionais de acordo com os apetites irascíveis e lascivos.”²⁸

acordo também com Robin Attfield (*loc. cit.*), é “a visão de que [também os sistemas vivos (como habitats e ecossistemas)] têm posição moral e são um bem em si mesmos”. Diz Michael P. Nelson (THEORY, in *Callicott & Frodeman, Encyclopedia EEPH.*, Vol. 2, p. 314b) que “o ecocentrismo enfoca assim a preocupação moral mais na manutenção de comunidades, espécies e ecossistemas bióticos do que no bem-estar de animais e de outros organismos.”

²³ Schaefer, *Ethical implications*, p. 174. Schaefer desenvolverá posteriormente a ideia de *cooperador virtuoso*, como se verá na terceira parte deste estudo.

²⁴ SCG III, 128, 1; 3001.

²⁵ STh II-II, q74, a2, ad3.

²⁶ STh II-II, q74, a2, ad3; SCG III, 128, 1;3001.

²⁷ SCG III, 39, 1; 2167.

²⁸ Schaefer, *Ethical implications*, p. 188-9.

Quanto ao uso dos seres naturais, deve o homem fazê-lo racionalmente. Diz Schaefer que embora “Santo Tomás caracterize os seres sub-intelectuais como instrumentos dos seres humanos²⁹, não está ele autorizando sua exploração, desperdício ou ganância para a auto-gratificação e a desconsideração do bem dos outros.”³⁰ Acresce Schaefer que, “na *Suma contra os Gentios*, Santo Tomás ensina que os seres humanos devem ser guiados pelas virtudes ao usar outras coisas criadas: ‘A vida ativa do homem consiste no uso dos bens corporais. Por esse motivo, as virtudes pelas quais usamos retamente dos bens corporais dirigem a vida ativa.’ (SCG 1.92.7)”³¹ Quanto aos modos de usar os bens naturais, diz Schaefer que Tomás ensina que “eles devem ser usados prudentemente, moderadamente, com justiça e coragem.”³² Quanto a esse assunto a autora conclui que “a noção de Santo Tomás de que todas as coisas devem ser usadas de maneiras virtuosas para fins altamente restritos fornece princípios intemporais que hoje têm grande significado.”³³

Diz afirmativamente Schaefer, ainda, que “as noções de Santo Tomás de Aquino sobre a unidade e a diversidade da criação foram identificadas como tendo afinidade com a compreensão científica moderna de um ecossistema, quando o ser humano é considerado uma das suas partes integrantes.”³⁴ É certo, assevera a autora, que

“os ensinamentos de Santo Tomás sobre a unidade e a diversidade da criação propiciam um modo fundamental de pensar sobre os ecossistemas do planeta com um grande [tremendous] significado nos tempos de destruição ecológica generalizada. Emergem de seus pensamentos princípios que podem orientar os seres humanos a atuar dentro dos ecossistemas do planeta de maneiras compatíveis com o bem-estar e não com a destruição deles.”³⁵

Decorre disso, segundo Schaefer, que a filosofia e a ética ambiental de Tomás de Aquino se assentam em cinco princípios:

- “1. O ser humano é parte integrante do ecossistema criado, que deve funcionar para o bem do todo por causa de seu relacionamento mútuo com Deus como seu criador, sustentador e fim último;
2. A água, a terra, o ar e as formas de vida que constituem os ecossistemas são bons e devem ser valorizados pelos papéis que desempenham no todo;
3. Os ecossistemas com todas as suas partes são sinais sacramentais da bondade, da gratuidade e da presença de Deus em nosso meio e

²⁹ Por exemplo: SCG III, 78, 5; 2539.

³⁰ Schaefer, *Ethical implications*, p. 199.

³¹ SCG I, 92, 6; 773b. Schaefer, *Ethical implications*, p. 203.

³² Schaefer, *Ethical implications*, p. 232.

³³ Schaefer, *Ethical implications*, p. 231.

³⁴ Schaefer, *Ethical implications*, p. 242.

³⁵ Schaefer, *Ethical implications*, p. 244.

devem ser vistos com respeito, admiração e gratidão [awe, admiration and gratitude] a Deus e como meios através dos quais Deus pode ser conhecido.

4. Deus instilou [has instilled] no ser humano capacidades potencialmente inatas [potentially innate capabilities] pelas quais eles podem eles ser guiados a usar partes do ecossistema de maneiras radicalmente restritas e virtuosas e essas capacidades devem ser desenvolvidas como meios através dos quais a felicidade eterna e a felicidade na vida temporal podem ser alcançadas; e

5. O uso indevido dos ecossistemas e de suas partes é pecado [sinful] e sua remissão [redemption] deve ser obtida através de Cristo.”³⁶

Em conclusão, diz Schaefer:

“As noções de Santo Tomás sobre a unidade e a diversidade da criação fornecem um aprofundado apoio no qual uma resposta significativa pode ser dada à nossa crise ecológica contemporânea. De sua perspectiva de fé, as muitas e diversas criaturas animadas e inanimadas que existem no universo estão relacionadas umas com as outras, porque estão relacionadas a Deus como seu Criador, sustentador e fim último. O ser humano emerge de seu pensamento como a mais dotada e responsável parte corpórea da criação; todos os tipos de criaturas são percebidos como partes boas e essenciais do todo, que manifestam a bondade de Deus, e a melhor manifestação da bondade de Deus ocorre quando todos os seres criados funcionam em relação uns aos outros da maneira pretendida por Deus para alcançar o bem do todo. / Também fluem das noções de Santo Tomás princípios que podem orientar os seres humanos a interagir com outras entidades criadas de maneira construtiva, por causa de seu relacionamento mútuo com Deus. Nessa perspectiva de fé, os seres humanos devem cooperar plenamente com Deus, relacionando-se com outras criaturas em formas mutuamente benéficas para o bem do todo. Os seres humanos devem reconhecer a bondade de todas as coisas criadas e devem valorizá-las pela parte que elas desempenham no todo. Os seres humanos devem compreender todas as criaturas com respeito, admiração e gratidão a Deus, como sinais sacramentais da bondade, da gratuidade e da presença de Deus em nosso meio. O ser humano deve usar as outras coisas criadas de forma prudente, moderada, justa, corajosa e amorosa como meio através do qual a felicidade eterna e temporal pode ser alcançada. Os seres humanos pecam quando usam outras criaturas de maneiras que não são condutoras para alcançar a felicidade eterna com Deus e devem buscar a

³⁶ Schaefer, *Ethical implications*, p. 245.

redenção através de Cristo. / Quando os ensinamentos de Santo Tomás são aplicados ao funcionamento humano nos ecossistemas, eles são tão poderosos que podem estimular uma transformação de hábitos que são destrutivos dos ecossistemas para hábitos compatíveis com sua integridade. A Igreja Católica deve promover suas noções com o objetivo de capacitar os fiéis a atuar de forma responsável como partes integrantes dos ecossistemas, como a bacia dos Grandes Lagos [da América do Norte], e levar essa visão de vida virtuosa inspirada no tomismo a todos os aspectos das atividades sociais, econômicas e políticas.”³⁷

Pamela Smith e o ecotomismo em meio à ética ambientalista contemporânea.

A irmã Pamela A. Smith, SS. C. M., considera que a teologia da criação e a ética das virtudes de Tomás de Aquino permitem um adequado enfrentamento dos problemas da crise ecológica contemporânea. Em sua tese de doutorado, “Tomás de Aquino e a atual ética ambiental: Investigação de como a visão e a ética das virtudes do ‘ecotomismo’ pode compor uma ecoética viável”, apresentada em 1995³⁸, Smith percorreu a *Suma Contra os Gentios* e a *Suma Teológica* e colocou em evidência o que seriam as bases de fundação de uma visão tomista da ecologia, que denominou de ecotomismo, expressão que foi, então, usada pela primeira vez³⁹.

³⁷ Schaefer, *Ethical implications*, p. 275-277.

³⁸ *Aquinas and today's environmental ethics: An exploration of how the vision and the virtue ethic of "ecothomism" might inform a viable eco-ethic.* (Vide referência bibliográfica completa em nota de rodapé no início deste artigo.)

³⁹ P. Smith coloca no subtítulo a expressão “ética das virtudes” após ter usado no título a expressão “ética ambiental”. A ética das virtudes, pois, encontra também lugar em meio às questões ambientalistas. Diz Michel P. Nelson, (THEORY, in *Callicott & Frodeman, Encyclopedia EEPh.*, Vol. 2, p. 314b - 315a) que “a teoria da virtude ambiental começou a surgir no início do século XXI. Voltando ao enfoque de Aristóteles do raciocínio ético, os eticistas da virtude ambiental sugerem que devemos concentrar nossas energias na criação de pessoas virtuosas, ou pessoas de caráter apropriado, em vez de trabalhar para determinar a chave adequada para a consideração moral e a adesão à comunidade moral. Traços como respeito, humildade, cuidado e atenção são muitas vezes apontados como virtudes-chave.” Considerando o trabalho de Pamella Smith, há pois que recuar pelo menos para o final do século XX a aplicação da teoria das virtudes na ética ambiental. Philip Cafaro (VIRTUE ETHICS, in *Callicott & Frodeman, Encyclopedia EEPh.*, Vol. 2, p.375b) define *ética das virtudes* como “o ramo da ética que se concentra em questões de caráter, de excelência e de florescimento humano.” Por ser antropocêntrica, a teoria das virtudes ambientais encontra forte oposição de muitos influentes eticistas ambientais; assim aponta Cafaro qual é o raciocínio mais usado para sustentar as críticas à ética ambiental baseada nas virtudes, derivado fundamentalmente da visão ecocêntrica da ética ambiental de Holms Rostrom III: “Se as pessoas protegem a natureza apenas para que isso as ajude a viver melhor, então elas

Devem as filosofia ambientalista, de acordo com Smith, enfocar as sete questões seguintes:

- “1. Existem certos bens intrínsecos (ou valores intrínsecos) em jogo no comportamento humano em relação ao mundo natural?
2. Existem ações intrinsecamente corretas ou intrinsecamente erradas relativas ao meio ambiente como um todo ou a algum de seus membros?
3. Qual é o *telos* adequado da interação humana com outras espécies vivas e o mundo não-vivo?
4. Podem ser ditos devidamente os animais, a vida vegetal, a terra, os mares ou a natureza em geral [seres detentores] de ‘direitos’?
5. Tem o ser humano obrigações morais para com outros seres agora existentes que não sejam pessoas (divinas ou humanas)?
6. Que é, em geral, uma visão verdadeira ou ‘certa’ da criação?
7. Que virtudes devem predominar para que os seres humanos vivam bem no planeta e no cosmos?”⁴⁰

Do exaustivo exame que faz da *Suma Contra os Gentios* e da *Suma Teológica*, Smith reúne em doze itens os pontos da filosofia de Tomás de Aquino sobre os quais se assentarão o ecotomismo:

- “1. A origem do universo e de todas as suas partes está no ato livre, benevolente, criativo de um Ser Supremo transcendente e auto-existente;
2. O mundo é um em sua origem, sua ordem e seu *telos*;
3. Toda criatura, todo ser, tem alguma semelhança com Deus;
4. A pluralidade, a diversidade e a beleza das criaturas são parte integrante do projeto divino;
5. Todo indivíduo, assim como cada espécie, tem sua própria ‘perfeição’ e sua própria bondade única;
6. O amor e a providência de Deus se estendem a tudo o que existiu, existe agora e existirá;
7. Deus, enquanto também ‘mais do que’ e ‘outro’, está intimamente envolvido e incorporado em todos os aspectos da criação;
8. Todo ser criado está impresso com um vestígio da Trindade e é, a seu modo especial, revelador de Deus;
9. Há ordem e hierarquia na criação, de modo que as criaturas estão ordenadas a Deus, à humanidade em geral e uma à outra;
10. Entre as criaturas da Terra, o ser humano é a mais elevada [climactic one] pois é a própria ‘imagem e semelhança’ de Deus,

não estão agindo pelos motivos corretos. Pior ainda, elas sacrificarão a natureza se encontrarem em seus próprios interesses egoístas razão para fazê-lo.” (Cafaro, *op. cit.*, p. 237a).

⁴⁰ Smith, *Ecotomism*, p. 54 – 55.

enquanto é também um parente de todos os seres vivos, que incorpora aspectos da natureza deles em seu próprio ser racional;

11. O ser humano é encarregado do uso ordenado e apropriado das criaturas, incluindo dos animais, que em alguns casos possuem conhecimento, certas virtudes naturais, imaginação e providência;

12. O todo é de mais profundo valor do que suas partes específicas, e o ‘bem comum’ da ordem criada - aquelas condições que envolvem a realização da ‘perfeição do universo’ - deve prevalecer.”⁴¹

Comenta Smith, imediatamente após o encerramento dessa lista, o que representam esses pontos para o ecotomismo:

“Tal visão de Tomás, repleta do senso da bondade e da sacralidade do *cosmos* e dos *oikos* terrenos, presta-se a uma ética de reverência, cuidado e preservação. Promover a integridade e o florescimento de toda a criação está dentro do domínio da responsabilidade humana.”⁴²

A esses elementos cosmológicos, há que acrescentar a ética tomista, que Smith resume em outros doze pontos:

- “1. Os seres humanos são seres de ‘propósitos’.
2. Os propósitos buscados pelos seres humanos são vistos por nós como ‘bens’.
3. Esses bens são coisas que percebemos como capazes de nos completar ou nos satisfazer.
4. O bem humano último e o fim humano são a ‘felicidade’ ou a ‘alegria’, que os cristãos entendem como realizáveis, totalmente e finalmente, apenas em Deus.
5. A perseguição da felicidade (ou beatitude) é marcada por uma atividade.
6. As escolhas humanas são realizadas segundo empreendimentos que envolvem uma dinâmica de razão e desejo.
7. Todos os nossos desejos de bens criados e do bem não criado (Deus) são expressos e realizados através de nossa condição de criatura.
8. A perseguição humana do bem incriado último é integralmente relacionada e condicionada pela perseguição humana dos bens criados.
9. Nós, seres humanos, podemos julgar corretamente ou erroneamente sobre o que as coisas boas são realmente e sobre os meios apropriados para alcançá-las.

⁴¹ Smith, *Ecotomism*, p. 105 – 106. A numeração de 1 a 12 introduziu-se nesta transcrição.

⁴² Smith, *Ecotomism*, p. 106.

10. As virtudes são os hábitos mentais e ação pelos quais julgamos bem e nos comprometemos a alcançar o bem último e os vários bens temporais.

11. O solo e a raiz das virtudes é o amor (*caritas*).

12. A conclusão de uma vida humana bem-vivida, plena de dons e de graça, é um estado de semelhança à unidade divina [unitive godlikeness].⁴³

Antes de erigir a estrutura do ecotomismo, Smith detém-se no exame de questões relativas ao homem, da posição que ele ocupa em relação aos seres naturais e do problema do uso que ele faz destes⁴⁴. Conclui Smith que “o ser humano é visto por Tomás como tendo, por natureza, um papel de ‘mestre’ sobre animais e outros seres, mesmo no estado de inocência⁴⁵, e ele imagina que, no pré-lapsário uma certa ‘presidência’ sobre outros seres humanos seria necessária para que ele os ‘dirigisse para o bem comum’^{46,47}”.

É importante para fins do estabelecimento dos princípios do ecotomismo, que se considere, como aponta Smith, que para Tomás “causar a morte de ‘qualquer coisa viva’ não é, em sua visão [de Tomás], cometer assassinato” pois, diz ele “não é ilícito usarmos de plantas para a utilidade dos animais e dos animais para a nossa”^{48,49}.

Há contudo que considerar que o uso dos recursos naturais deve ser feito com reflexão e moderação pois, como lembra Smith, Tomás ensina que “[o homem] busca as riquezas externas, como lhes sendo necessárias à vida, segundo a sua condição. Portanto, no excesso dessa medida consiste o pecado; isto é, quando buscamos adquiri-las ou conservá-las sem atendermos ao modo conveniente.”⁵⁰

Disso tudo isso, estabelece, então, Smith os doze princípios do ecotomismo [twelve tenets of ecotomism], que são os seguintes:

⁴³ Smith, *Ecotomism*, p. 108 – 110.

⁴⁴ A longa e importante discussão desse assunto está em Smith, *Ecotomism*, p. 112 – 129.

⁴⁵ STh I, q96, a1,2.

⁴⁶ STh I, q96, a4, sol.

⁴⁷ Smith, *Ecotomism*, p. 123. As expressões usadas por Tomás de Aquino remetem ao que atualmente se considera próprio da ética de gestão ambiental. Eis o que diz sobre esse assunto Peter W. Bakken (STEWARDSHIP, in *Callicott & Frodeman, Encyclopedia EEPH*, Vol. 2, p. 282a): “O termo ‘gestão’ [stewardship] refere-se a uma forma de pensar sobre a responsabilidade ambiental que se baseia na metáfora dos seres humanos como gestores [stewards]: pessoas responsabilizadas por um dono para cuidar ou gerir a casa e os bens dele. A gestão ambiental amplia o conceito de casa para incluir toda a Terra ou parte dela. Também estende o papel de mordomo para a raça humana, à geração atual, à uma organização ou agência, ou a um proprietário individual. (...) / Os defensores [dessa forma de pensar] afirmam que o modelo de gestão reconhece que os seres humanos são únicos em seu poder de transformar, degradar ou destruir a Terra e em sua capacidade de tomar decisões individuais e coletivas sobre maneiras de usar esse poder.”

⁴⁸ STh II-II, q64, a1, sol. Neste ponto, Tomás remete a Aristóteles (*Política I*, 3).

⁴⁹ Smith, *Ecotomism*, p. 232.

⁵⁰ STh II-II, q118, a1, sol. Smith, *Ecotomism*, p. 233.

- “1. Fé plena do sentido de ‘unidade do mundo’.
2. Reverência para com todas as criaturas.
3. Apreciação simultânea do ‘valor intrínseco’ e do ‘valor instrumental’ das criaturas não-humanas.
4. Suporte ativo da diversidade de criaturas.
5. Extensão da consideração moral a todos as criaturas vivas.
6. Exercício de providência em nome do bem comum universal.
7. Hierarquização saudável [healthy hierarchicalism].
8. Disposição geral de não agressão.
9. Moderação pessoal e busca de vida sustentável.
10. Compromisso com o cuidado e a restauração da Terra [Earth-healing and restoration].
11. Busca de vida integralmente virtuosa.
12. Estudo e a reinterpretação de tradições viáveis.”⁵¹

A tese de doutorado de Pamela Smith apresentou-se pouco depois da de Jame Schaefer. Eis como se refere Smith a Schaefer no final do texto, após apontar a existência de complementariedade entre as duas extensas investigações:

“Onde a tese de Schaefer se concentra em uma teologia da criação, esta mais sumariamente descreve com base em uma visão ética. Esta tese examina em alguma extensão o tratamento de Tomás das virtudes cardeais e controli com elas questões práticas para teste de uma ética contemporânea ambiental de virtudes. Ao propor temas de ‘ecotomismo’, este trabalho começa um diálogo com várias escolas de pensamento ético ambiental. Tanto o estudo de Schaefer quanto este estão baseados no catolicismo na medida em que pesquisam, aplicam e reinterpretam Tomás.”⁵²

⁵¹ A enunciação desses doze princípios (Smith, *Ecotomism*, p. 285 – 304) é o ápice do exaustivo trabalho empreendido pela irmã Pamela Smith. Cada um dos princípio é comentado pela autora tão logo é enunciado: 1, p. 285; 2, p. 286; 3, p. 288; 4, p. 289; 5, p. 289; 6, p. 291, 7, p. 292; 8, p. 295; 9, p. 296; 10, p. 297; 11, p. 298; 12, p. 301.

⁵² Smith, *Ecotomism*, p. 383. Smith fala em iniciar diálogo entre o ecotomismo e as escolas de pensamento ambiental. Esse é o assunto do último capítulo da tese: “7. ‘Ecotomism’ and contemporary eco-ethical schools of thought” (Smith, *Ecotomism*, p. 306 – 384). Trata-se de assunto muito interessante e de grande importância. As três primeiras escolas apontadas por Smith são a *ecologia profunda* (*Deep Ecology*), o movimento do *direito dos animais* (*Animal Rights*) e o *ecofeminismo* (*Ecofeminism*). Considerando a imensa diferença que há entre essas três escolas e o ecotomismo, tão fortemente destoantes, o diálogo sugerido por Smith parece tender a assumir elementos de contenda. Há que considerar que muito do pensamento ambientalista contemporâneo, como já dito no início deste artigo, externa forte adversidade ao cristianismo.